

Chirac nos EUA defende endividados

MARIELZA AUGELLI
Especial para O Estado

WASHINGTON — “É preciso reescalonar a dívida externa dos países em desenvolvimento, e o FMI deve diminuir as duras exigências que faz para chegar a novos acordos de pagamento. Há uma nova política que se impõe e este é o grande desafio político do momento. Nós temos de encorajar o sistema bancário internacional a se reengajar com os países dos quais agora ele se está desligando. Isto naturalmente impede o desenvolvimento, e sem desenvolvimento não há criação de riquezas e sem riquezas é impossível saldar a dívida”.

Esta afirmação, em defesa dos paí-

ses do chamado Terceiro Mundo, foi feita pelo primeiro-ministro francês, Jacques Chirac, ontem pela manhã, em entrevista coletiva, na sede da embaixada francesa em Washington. Chirac respondeu a duas perguntas sobre o apelo que fizera no dia anterior, junto ao presidente norte-americano, Ronald Reagan, para que França e Estados Unidos ajudem os países do Terceiro Mundo a pagarem a sua dívida externa.

“Eu disse ao presidente Reagan que este é o maior desafio político da atualidade porque é evidente que os problemas econômicos podem trazer a instabilidade política”, acrescentou Chirac, para quem os temas como desarmamento, terrorismo internacional e problemas das relações econômico-financeiras en-

tre França e Estados Unidos interessam muito menos aos povos do planeta do que o problema de sobrevivência de um número cada vez maior de povos que têm fome, são doentes e seus governos não podem pagar as suas dívidas externas.

Em sua primeira visita oficial aos Estados Unidos, depois que assumiu o cargo de primeiro-ministro da França, Jacques Chirac discutiu os problemas agrícolas que seu país tem tido com o parceiro norte-americano e criticou repetidas vezes a política protecionista dos Estados Unidos. Na entrevista coletiva, que reuniu mais de cem jornalistas, Chirac disse ter sugerido ao presidente Reagan que ajudasse os países do Terceiro Mundo com a compra e venda de

produtos agrícolas e alimentícios. “Devemos lutar contra a flutuação de preços. Imagine o que pode representar para um país como a Costa do Marfim, ou outro qualquer, o fato de o preço do café cair US\$ 60 no mercado, ou o preço do cacau cair de US\$ 50 a US\$ 40? Observou ele, sugerindo que os países “egoisticamente ricos” devem ser mais condescendentes.

Os bancos internacionais — afirmou Chirac — têm uma certa responsabilidade em tudo isso, já que foram eles que encorajaram os países endividados a contraírem suas dívidas em tempos melhores. Agora, eles (os bancos) não estão sendo razoáveis, por isso, quando reclamam, não me fazem chorar”... desabafou.